

A ÉTICA DO REFORÇAMENTO POSITIVO

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

Campinas - SP

Skinner (1985, republicado em 1987)², num interessante artigo intitulado *O que está errado com a vida cotidiana no mundo ocidental?* (você pode lê-lo na íntegra no nosso site www.terapiaporcontingencias.com.br), fala dos dois efeitos do reforço (para entender mais precisamente o contexto em que Skinner discute tal tema, sugiro a leitura da página 16 – último parágrafo – até a p. 18 do texto, na referência):

“Correndo o risco de ser seriamente mal interpretado pelos críticos do behaviorismo, farei uma distinção entre os efeitos de [o reforço] ser *agradável* (*pleasing*) e o de ser *fortalecedor* (*strengthening*). Eles ocorrem em momentos diferentes e são sentidos como coisas diferentes. Quando sentimos prazer (*feel pleased*), não estamos necessariamente sentindo uma maior inclinação a nos comportarmos da mesma forma. (De fato, quando chamamos um reforçador de satisfatório, ao invés de agradável, como o fez Thorndike, sugerimos que ele *reduz* a probabilidade [*likelihood*] de agir da mesma maneira, já que *satisfatório* é etimologicamente próximo a *saciador*.) Quando repetimos comportamento que foi reforçado, por outro lado, não sentimos o efeito agradável que sentimos na ocasião em que o reforçamento ocorreu. *Agradável* (*pleasing*) parece ser a palavra inglesa cotidiana mais próxima de *reforçador* (*reinforcing*), mas refere-se apenas à metade do efeito.”

As considerações de Skinner nos conduzem a algumas reflexões. Assim: é grande a responsabilidade do agente reforçador na seleção dos comportamentos a serem reforçados. Uma escolha equivocada pode fortalecer padrões comportamentais que não desenvolvem favoravelmente a pessoa, tanto em relação a seu próprio crescimento, quanto ao que ela vai provocar naqueles que a cercam. “Você deve ser autêntico e dizer o que pensa”, por exemplo, é uma instrução (supõe-se que, se for seguida, produzirá aprovação vinda de quem a enunciou) que não considera os sentimentos e os direitos do outro com quem se convive. Não é ético fortalecer uma resposta sem avaliar (no mínimo ponderar sobre) as consequências do que ela poderá acarretar em curto e em longo prazo, para a pessoa e para aqueles que a cercam.

Uma resposta que produz prazer pode ser fortalecida – desde que o evento reforçador seja generalizado (dinheiro, por exemplo), já que não produz saciação – e

¹ Janeiro/2011.

² Skinner, B. F. (1987). *Upon Further Reflection*. Prentice-Hall Inc., Englewoods Cliffs, New Jersey.

alterar as relações que a pessoa tem com seu meio físico e social; trabalhar excessivamente para acumular bens até o extremo de vir a prejudicar a saúde; aprender a trapacear as pessoas para alcançar postos de poder ou ter acesso a ganhos ilícitos; desenvolver dependência química são alguns exemplos nos quais o efeito prazeroso se associa com o fortalecimento da resposta. Tal fortalecimento pode ser pernicioso (como apontado nos exemplos) para a pessoa e para outros. Não é ético fazer tal opção.

Skinner sugere que satisfação (outro termo para se referir a prazer) tem significado próximo a saciação. Ou seja, acesso a reforçadores que causam satisfação pode enfraquecer a resposta através do processo de saciação. A consequência prática é que reforçadores usados em excesso, ou aplicados de maneira contingente a comportamentos de pequena amplitude e sem o cuidado de exigir avanços diferenciados e progressivamente mais complexos do comportamento, produzirão padrões comportamentais estereotipados, pois não haverá a evolução de respostas simples para comportamentos mais complexos e abrangentes. Além disso, ocorrerá enfraquecimento da resposta por saciação e a pessoa se tornará dependente do reforçamento provido por outras pessoas para se comportar.

Justifica-se o uso de reforçadores positivos arbitrários no processo de instalação de comportamentos complexos, mas devem ser minimizados e tornados intermitentes na fase de manutenção. Também são justificáveis para manejar comportamentos de pessoas com desenvolvimento atípico. No entanto, as pessoas que estão interessadas em manejar comportamentos deveriam ter como principal objetivo instalar comportamentos que produzem consequências reforçadoras positivas *naturais*, ou seja, consequências que não tenham que ser mediadas por outra pessoa, mas que sejam produtos da mera emissão da resposta. Assim, por exemplo, ao invés de dizer “Muito bem!”, “Que legal!” etc. (possíveis reforços sociais arbitrários), quando uma criança pedala um triciclo sem ajuda, é melhor escolher um triciclo de tamanho apropriado ao desenvolvimento motor da criança, estar ao seu lado quando ela começar a pedalar, empurrar suave e firmemente o triciclo no início da aprendizagem, de maneira a tornar menor o esforço de pedalar, remover gradualmente tal ajuda física (*fading out*), escolher um terreno apropriado para o deslocamento do triciclo etc., ou seja, devem ser criadas condições mais apropriadas – sistematicamente programadas – a fim de maximizar a probabilidade de emissão da resposta e deixar que os reforços naturais provindos dos movimentos físicos e do deslocamento do triciclo assumam o controle. (No início do processo de instalação da resposta, será quase impossível evitar reforços arbitrários. Não há razão para proibi-los. Mas deve prevalecer a preocupação de tornar o processo de aprendizagem compatível com o grau de desenvolvimento da criança e ter claro o objetivo de esvanecer qualquer intervenção arbitrária o mais cedo possível.)